

coligações para a defesa das conquistas do espírito, contra toda tentativa de degradação do encadeamento social. Outras lutas, não com armas, nem de povos, serão as lutas de amanhã: lutas de idéias, guerra santa do trabalho, virilidade no dever e no esforço das construções de consciência. O ignorado, as forças da natureza, os baixos instintos a ser vencidos, tais os verdadeiros inimigos. O grande labor consistirá no dirigir as leis da vida e a ascensão humana. Só então o homem, emergindo do desfazimento da desordem, conquistará novo poder na ordem. Então, os mais fortes e os melhores serão os mais justos. Da soma de tantos impulsos vigorosos se erguerão povos supremamente fortes e vitoriosos.

### **XCI — A lei social do Evangelho.**

Estivemos até agora nos campos subhumano e humano das mais baixas criações biológicas, para melhor pôrmos em foco os detalhes da fase em que vos achais. Se continuarmos a subir, assim como, com relação ao indivíduo, vimos que se chega ao nível do superhomem, também chegaremos, pela evolução coletiva, à *lei social do Evangelho*, considerada hoje subversão completa dos sistemas humanos, absurdo aparentemente irrealizável, porém, méta suprema, realidade do amanhã. Nele, todos os problemas da convivência são radicalmente resolvidos por um conceito muito simples: ama ao teu próximo como a ti mesmo. E' a perfeição, é a lei de quem chegou ao cume, o sonho do que está a caminho para lá chegar. Mas, a estrada é longa e nada fácil; temo-la encarado na sua realidade de esforço arduo, porque é conquista que se efetua, lenta, porém, verdadeira, mais do que sonho fácil de quem ignora as resistências da vida. No Evangelho, todas as divergências se harmonizam, sopitam-se os estridores numa paz substancial, num equilíbrio mais estável, cujas raízes imergem no coração do homem. Eis aqui o alvo da evolução coletiva, o reino do superhomem, a ética universal, em que a humanidade encontrará a coordenação de todas as suas energias: o Evangelho, que colocamos no ápice da evolução das leis da vida.

Imensa é a distancia que separa desse vertice a vossa presente vida social. Todos os vossos atos e pensamentos são permeados de luta, que vos faz sentir quão distante ainda se acha o Evangelho. Mas, precisamente porque é luta, é via de conquista. Como tal, é demolição da própria luta e uma aproximação progressiva do Evangelho, que é um nível diverso, significando deslocamento completo do ponto de vista das coisas. Os próprios factos humanos, observados de um plano diferente, assumem outro valor. E' a visão longínqua e global da alma que conquistou a bondade e o conhecimento. Essas normas, correspondendo a uma amplitude de angulo

visual muito maior, vos parecem inoperantes. Ao Evangelho, todavia, não se pode chegar, senão por sucessivas aproximações. Ele se conserva inacessível, pela sua altitude, se apresentado de chôfre ao homem atual, que, com efeito, não o compreende e não o segue. Lançai, porém, mais longe o olhar, lançai-o á essência da vida, penetrai mais fundo na ciência, avançai e o Evangelho surgirá de si mesmo.

O vosso é o mundo visto da terra; o Evangelho é o mundo visto do céu. A absurdidade está na vossa involução. No Evangelho se movem as forças do infinito, a justiça é automática, perfeita, substancial; a coordenação social é completa, o homem se movimenta em paz, de harmonia com o universo. Aí já os homens não precisam ser fortes: basta sejam justos. Força, luta, egoísmo então se reabsorvem no diuturno esforço das ascensões humanas. Aí, finalmente, vos movereis no regaço da grande Lei; reabsorvidas se acharão as reações da dor; o mal estará vencido. E' o reino do homem transformado em anjo e santo.

Possível então se torna a lei do perdão, porque o espírito sente e aciona outras forças, que não os vossos pobres braços, e essas forças acorrem em defesa do justo, mesmo que inerte. E' a lei de justiça a falar na consciência, a exprimir-se através dos movimentos da alma humana. Então, aquele que parece um vencido da vida torna-se gigante. Lei simples, mas substancial, que faz o homem, que rege os atos nas suas motivações e tudo resolve lá onde os vossos sistemas de controle e de sanção nada resolvem.

No Evangelho, o caminho da virtude está todo percorrido; a sua logica sublime conduz a uma seleção de superhomens, ao passo que a logica da vossa luta cotidiana conduz a uma seleção de prepotentes. Os princípios do Evangelho organizam o mundo e criam a civilização; os princípios que viveis tudo desagregam e tudo estragam por meio de atritos inúteis. Por onde passam o Evangelho e seu amor, uma flor nasce; por onde passais vós, todas as flores morrem e um espinho surge. O Evangelho é lei de paraíso transportado para o inferno terrestre. Só os anjos em exílio sabem viver nesse inferno a lei divina ditada pelo Cristo do alto da Cruz.

Quem, no vosso mundo, renuncia a agredir e a defender-se e oferece a outra face ao agressor; quem renuncia a enterrar as unhas na carne de outrem a benefício proprio e se nega, por princípio, a obter pela força todas as infinitas alegrias da vida, permanece oprimido, é um vencido posto fóra da lei, um expulso, um não-valor que se anula. Visto do reino da força, esse é inerte, indefeso, ridículo. Entretanto, nesse desbarato, nessa aparente fraqueza ha o misterio de uma força imensa que vem troando de longe, despertando nas profundezas da alma o pressentimento de realizações mais vastas. E o vencedor, no proprio momento da vi-



toria, tem a sensação de uma derrota. O vencido olha de cima, como vencedor, e tal se dá porque ele ha descoberto e vivido mais altas formas de vida.

O homem se conserva mudo e desorientado diante desse sêr estranho, sem armas, que proclama uma nova e espantosa lei e que parece pertencer a outro mundo. Sente o homem que, se ha razão no seu ambiente, outro mundo existe, onde tudo se inverte, onde o vencido da terra pode ser um vencedor e o vencedor da terra um vencido. Um abismo o separa daquele sêr superior: o homem agride e ele perdôa; é um justo e sabe sofrer. Apresenta-se para indicar, na sua vida, a méta alcançada, para apontar o caminho que, com o acompanha-lo, vos levará a realizações da mais alta e fecunda lei social: o amor evangelico.

## XCII — O problema economico.

A vossa ciencia economica pensa justificar-se, como se partisse de um originario principio de justiça, afirmando, com a sua *premissa edonistica*, a presença de um tipo abstrato de *homo economicus*, como se, na realidade, se pudessem isolar os aspectos e cada fenomeno não se achasse em conexão com todos os fenomenos, na lei universal. As vossas ciencias sociais se baseiam de bom grado em qualquer piedosa mentira. Mas, dizei a verdade: dizei que, quasi sempre, o homem é, na realidade e não como hipotese economica, um *perfeito edonista*; que, no campo dos negocios, ele não faz senão aplicar a sua natureza de egoista; que o *do ut des* não é um equilibrio de direitos, mas uma medição de forças, para alternativos estrangulamentos; declarai a impotência da maioria para compreender uma aproximação, ainda que minima, do amor evangelico; dizei que o homem é uma féra envernizada de civilização e tereis então as bases reais do fenomeno economico. E reconhecei que a ciencia que o estuda é a codificação do egoismo, isto é, do instinto mais desagregante do encadeiamento social.

A premissa edonistica é principio *anti-colaboracionista* por excelencia, é um principio de desfazimento, que o edificio economico traz consigo, como insanavel vicio de origem, que sempre reaparece nos momentos de crise. Egoismo de capital, egoismo de trabalho, egoismo de produtor, egoismo de consumidor, egoismo individual, de classe, de nação (regimen protecionista); coalizõe sde egoismos, organizações de egoismos, sempre egoismo! E as mercadorias a riqueza, o trabalho vos precipitam, arrebatados (em regimen livre cambista) ou paralizados, pela ação dessa grande força, embora ela seja ilogica e contraste com as supremas exigencias das ascensões humanas. Mas, esta é a méta, ética elevada, inderrogavel, a que todas as funções sociais se têm que subordinar, para o fim unico

da evolução. Egoismo, ao contrario, é luta, atrito, desesperação, germen de destruição; é o ponto fraco do mecanismo, todo um fardo a arrastar, que o torna imperfeito, lhe ameaça o andamento e o faz cêgo, a avançar por entre embates e reações. A quantas dores vos seria facil escapar, se cada um amasse ao seu semelhante como a si mesmo!

Conquanto o fenomeno economico seja a expressão da lei do esforço minimo, assume sempre a forma de coacção; o equilibrio entre procura e oferta é a resultante de uma luta; a oferta de uma mercadoria mais não é do que a procura de um prego, tudo se move pela necessidade propria, não pela consciencia das necessidades reciprocas; um sistema prenhe de atritos, um equilibrio afanoso entre forças antagonicas que atuam para elidir-se, onerado com o peso do egoismo. Não é possivel deixar de topar-se, tambem neste campo, com uma manifestação da lei universal e de encontrar equilibrios. Posto, porém, o principio do *do ut des*, da procura e da oferta, o egoismo avança triunfante, seguindo a lei do minimo esforço, para equilibrios moveis, se bem que matematicamente exatos, que podeis calcular, mas que conservam sempre a marca da premissa originaria, o egoismo demolidor. O instinto edonista, na sua inconsciencia de todos os outros valores sociais, avança, tudo atropelando, para realizar-se a si mesmo. Força primitiva e brutal que, se no vosso nivel é impulso de criação, tambem é principio de destruição, a que deveis infinitas crises e revezes.

Todavia, a evolução, fenomeno universal, tinha que se revelar, tambem nesse campo, como gradual eliminação do principio edonistico, por cerceamentos, limitações e elevações progressivas, até ser capaz de compreender, em seu ambito, interesses de ordem geral. Por toda parte se nos depara o mesmo processo ascensional pelo qual a força tende para a justiça, o egoismo para o altruismo, a guerra para a paz, o mal para o bem. Na evolução, não se pode isolar um campo de outro, pois todos os fenomenos sociais se têm que conceber fundidos numa ética superior. O conceito edonistico, posto na base das ciencias economicas, é filho de agnosticismos de outros tempos já transpostos. Se, num primeiro momento, o perfeito equilibrio da balança do *do ut des* é o maximo de justiça que a psiclogia das trocas pode admitir, em superiores momentos o progresso impõe a imissão do fator moral no fenomeno economico, em proporção sempre maior. Tal como se dá na evolução do egoismo, a esse efeito vos encaminhará o proprio calculo utilitario em que se exprime a lei do esforço minimo, uma vez que a luta é cheia de atritos, que implicam enorme dispersão de energia, pelo que é de vantagem suprimi-los.

No vosso mundo atual, a riqueza raramente segue o caminho do bem; não é um meio de aquisições mais altas, é um elemento de gozo, que premeia as aptidões mais rapaces e antisociais. Estai